

SEÇÃO CONJUNTURA

NOSSOS SINCEROS SENTIMENTOS...

Em tempos tão difíceis, mediante a tantas perdas simbólicas e concretas, a Revista Pathos vem expressar através dessa nota, nossas condolências à todos aqueles que faleceram em virtude da pandemia atual, pessoas da sociedade civil, anônimas ou públicas, artistas, profissionais de saúde, entre tantos outros. Dedicamos tal manifesto aos protagonistas dessa triste história de luta contra o COVID-19. Lutas essas travadas de diversas formas, sobre o leito de um hospital, na linha de frente no combate a doença, como parentes telespectadores e testemunhas do sofrimento humano, ou ainda profissionais que finalizam a etapa do enfrentamento, enterrando milhares de corpos nos diversos cemitérios. Tal sofrimento nos faz lembrar do trecho do livro *Sobre a Morte e o Morrer*, de Elizabeth Kubler-Ross:

Há um momento na vida do paciente em que a dor cessa, em que a mente entra num estado de torpor, em que a necessidade de alimentação torna-se mínima, em que a consciência do meio ambiente quase que desaparece na escuridão. É o período em que os parentes andam para lá e para cá nos corredores dos hospitais, atormentados pela expectativa, sem saber se podem sair para cuidar da vida ou se devem ficar por ali esperando o instante da morte. É o momento em que é tarde demais para palavras, em que os parentes gritam mais alto por socorro, com ou sem palavras. É tarde demais para intervenções médicas (que são duras demais quando acontecem, apesar de boa intenção), mas é também cedo demais para uma separação final do agonizante. É o momento mais difícil para um parente próximo, pois ele também deseja que tudo passe, que tudo termine; ou agarra-se desesperadamente a alguma coisa que está prestes a perder para sempre. (Kubler-Ross, 2000, pg. 281 – 282).

Mediante a isso, convocamos o poder público e político a se aproximarem da situação atual no que se refere a saúde pública e bem estar social. Que a empatia possa se fazer presente em momentos de tanto terror, momentos esses por vezes desprezados cruelmente por aqueles que mais deveriam se preocupar. O sentimento de morte não se finda no leito de um hospital ou na cova de um cemitério, ele é eternizado e perpetuado mediante o desamparo, pautando em manifestações desprezíveis e antiéticas por parte de certas personalidades políticas. Tal cenário nos convoca a partir dessas poucas palavras a repudiar tal manifestação desumana.

Terminamos essa nota com força de manifesto, como um ato ético-político através das palavras de Freud, acreditando que mesmo mediante tamanha violência social vivida em nosso amado Brasil, em que somos convidados a morrer também enquanto cidadão de direitos, informamos à todos que jamais iremos nos findar, e que mesmo mortos, permaneceremos vivos como resistência e memória.

De fato é impossível imaginar a própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber ainda que estamos presentes como expectadores. Por isso, a escola psicanalítica pode aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade (Freud, 1915, Obras Completas, p. 317).

Nossos sinceros sentimentos...

Equipe Revista Pathos